



Reflexões a Partir de “Las Emociones en la Historia: Una Propuesta de Divulgación”

Reflections from “Las Emociones en la Historia: A Proposal for Dissemination”

Raimundo C. Moura Filho¹

Rafael do Carmo Silva²

RESUMO: Este trabalho destaca a importância das emoções na história, explorando sua evolução como disciplina, e analisando diferentes correntes historiográficas, como a teoria dos "emotivos" e a "emocracia". Tomamos como base das reflexões aqui propostas o livro *Las emociones en la historia* (2020), que foi organizado por José Antonio Jara Fuente. O livro propõe um modelo de análise das emoções políticas, enfatizando o uso indireto de recursos linguísticos emocionais na política. Com base nessas discussões, este artigo oferece uma nova perspectiva sobre a influência das emoções na construção e manutenção das relações políticas.

PALAVRAS-CHAVE: História das Emoções, Emoções políticas, Medo, Raiva, Sociedade.

ABSTRACT: This work highlights the importance of emotions in history, exploring their evolution as a discipline and analyzing different historiographical currents, such as Thomas Reddy's theory of "emotives" and "emocracy." The book "Las emociones en la historia" proposes a model for analyzing political emotions, emphasizing the indirect use of emotional linguistic resources in politics. This research offers a new perspective on the influence of emotions in the construction and maintenance of political relations.

KEYWORDS: History of Emotions, Political Emotions, Fear, Anger, Society.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS OU INTRODUÇÃO

Os estudos sobre emoções políticas na Idade Média tendem a se concentrar em um conjunto reduzido de emoções, especialmente no período baixo-medieval. Na monarquia, duas emoções principais são observadas: o amor paternal do monarca por seus súditos e o amor que os

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

² Doutorando em Geografia pelo Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)



súditos devem ao rei. Ambas são condições fundamentais para o bom governo e a estabilidade do Estado. Quando essas emoções não se expressam adequadamente, surgem o debate, o enfrentamento e a violência política, manifestados em emoções negativas como a displicência, a indignação e a ira.

José Antonio Jara Fuente (2020) destaca que as emoções permeiam todos os aspectos da existência humana, tanto no plano individual quanto coletivo. Considerando-as elementos fundamentais da elaboração da psique individual e coletiva, ele argumenta que o funcionamento das emoções varia ao longo do tempo e em diferentes culturas e sociedades. No campo do discurso, Jara Fuente articula a história das emoções como construções humanas, propondo que a operatividade e funcionalidade das emoções permitem a explicação da mudança social. Assim, as categorias emocionais, como afeto, sentimentos, apetites e paixões, não são universais, pois devem ser abordadas considerando-se uma contextualização, além da lógica própria articulada aos aspectos morais e institucionais de cada cultura e sociedade.

As correntes historiográficas dedicadas ao tema das emoções são diversas. Thomas Reddy e seus seguidores desenvolveram o conceito de "emotivos"; a perspectiva herdeira da escola dos Annales se dedica à consagrada história das sensibilidades; o conceito de "emocilogia" enfatiza as percepções sobre como as emoções são experimentadas em uma determinada cultura. Um conceito mais recente, voltado para a história atual, é a "emocracia", que se interessa pela relação entre políticos e eleitores através da elaboração e transmissão de mensagens políticas que integram o processo de comunicação e compreensão entre ambas as partes.

Durante o recente debate vice-presidencial nos Estados Unidos, Kamala Harris destacou as qualidades emocionais de Joe Biden, mencionando sua capacidade de levantar as pessoas e lutar por sua dignidade. Ela enfatizou que Biden conhece a dor, o sofrimento e o amor, demonstrando como emoções como empatia, pena, sofrimento e amor permeiam o campo político. Essas emoções são incorporadas ao discurso para construir a imagem do candidato e justificar sua idoneidade para o cargo (Fuente, 2020). Na historiografia, a história das emoções é uma corrente recente. A obra de Johan Huizinga, publicada em 1919, destacou uma percepção emocional da Idade Média, com ênfase no outono desse período histórico entre os séculos XIV e XV. Huizinga analisou o uso de emoções, como fúria, amor, medo e cólera, como instrumentos de construção da sociedade política e de controle sociopolítico. As emoções políticas abrangem um amplo leque

de funcionamentos emocionais que estão relacionados às formas de interação sociopolítica, como a amizade e a cidadania (Fuente, 2020).

2. EMOÇÕES POLÍTICAS: USOS E DEBATES

No reino de Castela, o autor investiga como as emoções políticas influenciam as interações sociopolíticas, analisando interesses, posições e práticas dos componentes dos grupos políticos para alcançar seus objetivos. A obra de Huizinga influenciou estudiosos subsequentes que se dedicaram aos aspectos emocionais, mas sem realizar análises específicas das emoções. Nobert Elias, com sua tese do processo civilizador, obteve sucesso ao discutir a internalização e controle das emoções na Modernidade. Nos anos 1970, o construtivismo social foi incorporado, propondo que as emoções são construções sociais formadas e moldadas pela sociedade em que operam (Fuente). A análise de emoções políticas na Idade Média revela que os princípios políticos baseavam-se no apoio emocional, essencial para a estabilidade. A falsa dicotomia entre razão e emoção na política é desafiada, reconhecendo-se que a compreensão do político não exclui as emoções políticas. Estudar as emoções políticas visa examinar as emoções expressas e instrumentalizadas na construção e desenvolvimento da cultura política. Não se trata de analisar as emoções em si, mas de compreender como os referentes afetivos são usados para ordenar as relações políticas e legitimar ou deslegitimar partidos, condutas e propostas políticas (Fuente, 2020). No capítulo "Sit Tibi Terra Levis: las emociones en las epigrafías funerarias romanas", parte do livro organizado por José Antonio Jara Fuente, Lucía Arbeo Cuesta analisa como as emoções, apesar de imateriais, podem ser deduzidas da cultura material, especificamente das inscrições funerárias romanas. A autora distingue entre emoções primárias, que são universais e inatas, como medo, raiva, tristeza, alegria, nojo e surpresa, e emoções secundárias, que são subjetivas e derivadas de contextos culturais específicos, como culpa, orgulho e ciúme. Cuesta explora como as epigrafias expressam afetos como carinho, tristeza e solidão, além de raiva e rejeição, especialmente em casos de mortes repentinas ou por doenças graves. Essa análise revela a visão romana da morte e do luto, destacando a complexidade emocional associada às inscrições funerárias e a dependência das emoções aos contextos socioculturais específicos (Cuesta, 2020). O descontentamento foi um motivo central, embora não exclusivo, das revoltas em Flandres e Castela no século XV. Diante das mudanças

provocadas pela cobrança de impostos ou taxas, artesãos, tecelões e outros trabalhadores agremiados se uniram contra essas medidas políticas, guiados por emoções positivas como companheirismo, solidariedade e proteção. As emoções, assim, fundamentam os levantes contra o poder, representado pelo rei e pela aristocracia na sociedade estamental. Beatriz Saiz Artiaga utiliza notas fiscais, cadastros de cidadãos e crônicas urbanas para mostrar que as emoções podem ser percebidas tanto de forma direta quanto sutil, enriquecendo a análise da relação entre emoções e poder. A comparação entre Bruges e Castela é justificada por ambos serem centros urbanos, pontos nevralgicos do poder, oferecendo um terreno fértil para a investigação das emoções políticas no espaço urbano.

Durante a Baixa Idade Média, os processos inquisitoriais contra mulheres em Cuenca revelam aspectos emocionais profundos. A análise do discurso destas mulheres permite compreender a dimensão emocional de suas vidas. As emoções ligadas ao horror e ao desconhecimento são frequentes nestes processos. O medo era uma constante na vida medieval, exacerbado pela centralidade da Igreja e a ameaça da condenação eterna. A Inquisição utilizava o medo de maneira pragmática, com decisões que podiam resultar na execução, perda de bens ou excomunhão, simbolizando a morte social. Emoções como aversão e ira, filhas do medo, também eram comuns. A aversão representava o repúdio à diferença, enquanto a ira, segundo a perspectiva agostiniana, era vista como uma ruptura com Deus, turvando a razão. Esta ira era frequentemente registrada nos processos, como no caso de Leonor de Castro, que chamou os inquisidores de demônios injustos, e Juana Gomez, que, apesar de se considerar honrada, foi igualmente processada. Alicia Caballero Salamanca (2020) conclui que a Inquisição transformou o medo em um instrumento pedagógico ao serviço da ortodoxia religiosa.

A abordagem das emoções permanece como um desafio para os estudiosos da história que utilizam as fontes primárias como sua principal base de estudo. Com efeito, Carmen Hernández López (2020), propõe explorar e apreciar a herança emocional que se manifesta nos objetos do cotidiano do passado, os quais são analisados como fontes primárias e transformados em elementos de estudo, instigando questionamentos e buscando respostas. Sua abordagem adotada uma perspectiva emocional, que é complementada por nuances literárias em certas partes introdutórias. Essa abordagem nos leva ao centro de uma casa rural, possibilitando a exploração de seu ambiente

doméstico, desde os objetos do dia a dia até os elementos de devoção. O objetivo é encontrar uma explicação histórica e causal para a dimensão emocional da experiência humana.

Para a autora, o processo de pesquisa histórica, a casa de Vicenta Carrasco Torres emerge como um espaço vital, onde os vestígios do passado ecoam através de objetos esquecidos e documentos antigos. O estudo, permeado por uma narrativa emocional, revela como a investigação histórica pode ser profundamente enriquecida ao explorar não apenas os registros oficiais, mas também os espaços e objetos cotidianos que compõem a vida das pessoas comuns.

A jornada começa na alcova e nos dormitórios, onde móveis antigos e escrituras de compra e venda de terras revelam histórias de gerações passadas. Aqui, encontramos uma mesa de sabina, resistente e nobre, que testemunhou o ritmo da vida rural do século XIX. Ao lado, arcas e baús desgastados pelo tempo guardam segredos familiares e tesouros herdados. Na cozinha, o coração da casa, a presença de utensílios como *sartenes, ollas e calderas* evoca memórias de refeições compartilhadas e histórias contadas ao redor do fogo. Esses objetos não apenas serviam a um propósito prático, mas também simbolizavam a união familiar e a resiliência diante das adversidades.

No aspecto religioso, os quadros de santos e santas que adornam as paredes revelam a devoção profunda da família. As imagens da Virgem Maria, especialmente, refletem a influência da fé no cotidiano e na escolha dos nomes dos membros da família, criando uma conexão entre o sagrado e o terreno.

Ao analisar esses objetos domésticos e devocionais, mergulhamos não apenas na história de uma casa, mas na história de uma comunidade e de uma época. Cada item revela camadas adicionais de significado e nos permite reconstruir não apenas eventos, mas também sensibilidades e valores que moldaram a vida das pessoas do passado. Portanto, ao explorar a casa de Vicenta Carrasco Torres, Carmen Hernández López (2020) mergulha em um universo de histórias entrelaçadas, onde os objetos do dia a dia se tornam portadores de memórias e testemunhas silenciosas de um tempo que já se foi, mas que continua vivo através da investigação histórica.

No seu estudo *El siglo de las revoluciones: emociones y política en el siglo XIX*, Andrea Villegas Marchante (2020) discute o século XIX como um momento histórico caracterizado pela explosão de sentimentos, com o Romantismo desempenhando um papel fundamental na configuração das mentalidades e da cultura dessa época. À medida que explora como o romantismo influenciou as

Comentado [FK1]: Colocar em itálico, já que se trata de palavras em outra língua, é interessante também colocar entre parênteses após cada uma delas, a tradução em português destas palavras

formas de sentir, fazer política e ser, a autora chama atenção para compreender as conexões entre este movimento cultural, as emoções e a política.

Nessa perspectiva, o Romantismo, como um movimento artístico e cultural, defendia a exaltação do eu e do sentimental, contrabalançando o racionalismo iluminista. Esta corrente buscava escapar para passados idealizados, reconstruindo a memória coletiva e fortalecendo os estados-nação emergentes. A introdução da história das emoções nos permite examinar o Romantismo além de seu aspecto artístico, explorando sua influência política. O Romantismo não só se manifestou no âmbito artístico, mas também influenciou a esfera política. Espanha, em particular, tornou-se um símbolo romântico por excelência, com seu passado exótico e suas características culturais únicas. Este estereótipo contribuiu para moldar a autoconcepção da Espanha e seu papel no contexto europeu. A mudança emocional promovida pelo Romantismo foi tão significativa quanto as revoluções políticas e econômicas da época. Este movimento redefiniu as normas emocionais e políticas, transformando a percepção da cidadania, do gênero e das culturas políticas. A relação entre o Romantismo e a política liberal gerou uma nova forma de entender as emoções e seu papel na esfera pública.

Os discursos políticos e manifestos do século XIX refletem a carga emocional do Romantismo, especialmente em contextos de levantes militares e lutas pela liberdade e pela constituição. Estes textos não só revelam a construção da masculinidade liberal, mas também como as emoções, como a honra e a coragem, influenciaram a retórica política da época.

A autora mostra que análise de manifestos políticos como os Persas (1814) e o Revolucionário de Cádiz (1868) oferece uma visão mais profunda de como o gênero, as emoções e a política se entrelaçaram na produção destes documentos. Estudar estes textos nos permite compreender melhor como as emoções moldaram a política do século XIX e seu legado na história.

A história da comunidade romaní permanece amplamente ignorada pela sociedade e negligenciada em muitos círculos acadêmicos. Esta falta de reconhecimento cria uma lacuna significativa na compreensão histórica, destacando a necessidade urgente de um estudo informativo para aumentar a conscientização sobre os terríveis eventos que ocorreram durante o regime nazista. Isabel Martínez Bonilla (2020) aborda essa parte menos conhecida da história - o genocídio do povo romaní - examinando as complexas emoções e sentimentos associados a ele. Além de explorar as perspectivas dos perpetradores nazistas e seus apoiadores, a autora também se esforça para

amplificar as vozes dos sobreviventes, utilizando testemunhos pessoais, expressões artísticas e outras formas de narrativa. Ao incentivar o interesse e a pesquisa sobre a cultura e história do povo romaní, Bonilla aborda as emoções e sentimentos experimentados pelos sobreviventes ciganos do genocídio perpetrado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, conhecido como "Porrajmos". Embora menos conhecida que a história do Holocausto judeu, a perseguição aos ciganos foi igualmente brutal. Os nazistas classificaram os ciganos como uma raça inferior, justificando sua perseguição com base em estereótipos e preconceitos. Desde o século XV, os ciganos enfrentavam discriminação na Europa, com leis que os tratavam como criminosos e promoviam sua expulsão e até mesmo sua execução. Durante o regime nazista, essa discriminação atingiu seu ápice, com experimentos médicos desumanos e assassinatos em massa nos campos de concentração. Apesar das atrocidades, os sobreviventes ciganos lutaram pelo reconhecimento de seu sofrimento, destacando a resistência e a resiliência de seu povo.

O pesquisador Sergio Nieves Chaves (2020) analisa o papel das emoções, especialmente o medo, em períodos de conflito armado e regimes autoritários, como a Guerra Civil Espanhola e a ditadura franquista, é crucial para entender a dinâmica desses eventos históricos. Durante esses períodos, o medo permeava todos os aspectos da vida cotidiana, criando um clima de terror e incerteza entre a população. A repressão política e social era intensa, com práticas de perseguição, prisão arbitrária, tortura e execução sumária perpetradas pelas autoridades, silenciando qualquer forma de oposição ou dissidência. No entanto, o medo não era uniforme, variando em intensidade e forma de acordo com o contexto e as circunstâncias individuais. Para alguns, era um temor difuso e constante de ser alvo de repressão; para outros, era um medo específico em relação a perseguições políticas, religiosas ou étnicas. Além disso, o medo podia se manifestar de maneira coletiva, unindo comunidades inteiras diante das ameaças do regime.

O impacto psicológico do medo foi profundo e duradouro, afetando não apenas os indivíduos diretamente envolvidos na resistência ou na repressão, mas também suas famílias e comunidades. Apesar desse clima de opressão, surgiram atos de resistência e resiliência, protagonizados por movimentos de oposição, ativistas políticos e culturais, que desafiaram corajosamente o regime em busca de justiça, liberdade e democracia. Essas histórias de coragem e solidariedade oferecem um contraponto inspirador ao domínio do medo e da violência, destacando a capacidade humana de resistir e lutar por um mundo mais justo e livre.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

A partir das discussões aqui arroladas, entendemos que as emoções são intrínsecas às relações humanas e instrumentalizam as interações, tanto no plano individual quanto coletivo. No campo político, as emoções adquirem caráter político, deixando de operar como simples afetos, sensações ou sentimentos individuais. A história das emoções, enquanto disciplina, destaca-se por eleger a análise de emoções específicas e seu papel na construção das relações sociopolíticas.

No âmbito urbano, a lógica política permitiu outros desdobramentos, como lutas e debates políticos. Medo e temor podem levar a ações e discursos sobre união ou legitimidade, contribuindo para a persistência de estereótipos positivos ou negativos sobre grupos políticos na memória coletiva.

Ao enfatizar os objetos da história das emoções, as emoções políticas representam um campo fértil de discussão. O discurso político é um recurso de comunicação dos atores sociais, e é necessário determinar as particularidades linguísticas, identificando as regras gramaticais e os recursos linguísticos que expressam emoções. As emoções e recursos emocionais podem ser expressos indiretamente, por meio de metáforas e imagens com sentido emocional.

Na análise das práticas retóricas que usam emoções em propagandas políticas, o autor sugere identificar fórmulas específicas empregadas por grupos em contextos políticos determinados. Essa operação pode evidenciar como os atores sociais usam as emoções discursivas na dinâmica da recusa ou aceitação de outros discursos opositores, seus êxitos e insucessos.

As emoções políticas, ao serem estudadas, revelam como elas são usadas para ordenar relações políticas, legitimar ou deslegitimar partidos, condutas e propostas políticas. A funcionalidade política das emoções depende do contexto em que são operadas, dos atores envolvidos e dos objetivos perseguidos. O discurso político, como recurso comunicativo, utiliza-se de particularidades linguísticas e recursos emocionais para expressar posições políticas, muitas vezes de forma indireta, por meio de metáforas e imagens.

Os estudos sobre emoções políticas na Idade Média mostram que as relações entre monarquia e súditos eram fundamentadas no amor e temor político, essenciais para a estabilidade



do Estado. No espaço urbano, a lógica política permitiu desdobramentos vinculados a lutas e debates políticos, onde medo e temor influenciavam ações e discursos sobre união e legitimidade.

REFERÊNCIAS

- ARTEAGA, Beatriz Sáiz. Comunidades en conflicto: expresando las emociones políticas en el espacio urbano. Flandes y Castilla en la Baja Edad Media. In: FUENTE, José Antonio Jara. **Las emociones en la historia**: Una propuesta de divulgación. La Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla, 2020, p. 65-82.
- BONILLA, Isabel Martínez. *Emociones y sentimientos: Porrájos, el holocausto romani*. In: FUENTE, José Antonio Jara. **Las emociones en la historia**: Una propuesta de divulgación. La Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla, 2020, p. 141-165.
- CHAVES, Sergio Nieves. *Miedo, represión, Guerra Civil y dictadura franquista*. In: FUENTE, José Antonio Jara. **Las emociones en la historia**: Una propuesta de divulgación. La Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla, 2020, p. 167-179
- CUESTA, Lucía Arbeo. SIT TIBI TERRA LEVIS: Las emociones en las epigrafías funerarias romanas. In: FUENTE, José Antonio Jara. **Las emociones en la historia**: Una propuesta de divulgación. La Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla, 2020, p. 51-64.
- FUENTE, José Antonio Jara. *Emociones políticas: un estado de la cuestión (con especial referencia a la Edad Media)*. In: FUENTE, José Antonio Jara. **Las emociones en la historia**: Una propuesta de divulgación. La Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla, 2020, p. 17-50.
- LÓPEZ, Carmen Hernández. *Emociones contenidas en la casa desde finales del Antiguo Regimen*. In: In: FUENTE, José Antonio Jara. **Las emociones en la historia**: Una propuesta de divulgación. La Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla, 2020, p. 97-112
- MARCHANTE, Andrea Villegas. El siglo de las revoluciones: emociones y política en el siglo XIX. In: FUENTE, José Antonio Jara. **Las emociones en la historia**: Una propuesta de divulgación. La Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla, 2020, p. 113-140.
- SALAMANCA, Alicia Caballero. *En el nombre de Dios, miedo, aversión e ira en los procesos inquisitoriales*. In: FUENTE, José Antonio Jara. **Las emociones en la historia**: Una propuesta de divulgación. La Mancha: Ediciones de la Universidad de Castilla, 2020, p. 83-96.